

<https://doi.org/10.20396/rbest.v7i00.20955>

DOSSIÊ

O declínio do movimento sindical na Turquia durante a globalização neoliberal e a esperança de revitalização

Mustafa Görkem Doğan (a)

Resumo

A década de 1990 assistiu a uma mudança na composição da indústria turca. Muitas pequenas empresas enriqueceram, em toda a Anatólia, ao encontrarem um nicho nas cadeias globais de *commodities* em constante expansão da era da globalização neoliberal. O movimento sindical, porém, não conseguiu adaptar-se a esse novo padrão de relações industriais. Este artigo analisa a dinâmica social e os mecanismos políticos dessa inércia sindical e argumenta que os sindicatos tradicionais, formados durante a era da industrialização liderada pelo Estado (modelo baseado na substituição de importações), desenvolveram uma incapacidade arraigada de se organizar nas pequenas empresas industriais típicas dos elos das cadeias globais de *commodities* espalhadas por toda a Anatólia. No entanto, recentemente, surgiu um novo tipo de militância, criando oportunidades esporádicas para a revitalização do movimento sindical.

Palavras-chave: Movimento sindical – Turquia; Estratégia sindical; Globalização neoliberal.

JEL: H59, J81, J88.

(a) İstanbul University Faculty of Political Sciences, Turkey.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7647-3889>

E-mail: mustafa.dogan@istanbul.edu.tr



Nota: Este artigo foi originalmente publicado em *Journal of Balkan and Near Eastern Studies* (Doğan, 2024).
Traduzido por Hugo Dias.

The decline of the union movement in Turkey during neoliberal globalization and the hope for revitalization

Abstract

The 1990s witnessed a shift in the makeup of Turkish industry. Many small firms rose to fortune throughout Anatolia by finding a niche in the ever-expanding global commodity chains of the era of neoliberal globalization. The union movement, though, failed to adapt to this new pattern in industrial relations. This paper analyses the social dynamics and political mechanisms of this union inertia and argues that the traditional unions that were built during the era of state-led industrialization (a model based on import substitution) developed an ingrained inability to organize in the small industrial firms typical for the nodes of global commodity chains dispersed throughout Anatolia. However, recently a new type of labor militancy has emerged, creating sporadic opportunities for the labor movement's revitalization.

Keywords: Trade union movement – Turkey; Trade union strategy; Neoliberal globalization.

El descenso del movimiento sindical en Turquía durante la globalización neoliberal y la esperanza de revitalización

Resumen

La década de 1990 fue testigo de un cambio en la composición de la industria turca. Muchas pequeñas empresas prosperaron en toda Anatolia al encontrar un nicho en las cadenas mundiales de productos básicos en constante expansión de la era de la globalización neoliberal. Sin embargo, el movimiento sindical no logró adaptarse a este nuevo patrón en las relaciones laborales. Este artículo analiza la dinámica social y los mecanismos políticos de esta inercia sindical y sostiene que los sindicatos tradicionales que se crearon durante la era de la industrialización impulsada por el Estado (modelo basado en la sustitución de importaciones) desarrollaron una incapacidad arraigada para organizarse en las pequeñas empresas industriales típicas de los nodos de las cadenas mundiales de productos básicos dispersas por toda Anatolia. Sin embargo, recientemente ha surgido un nuevo tipo de militancia laboral, lo que ha creado oportunidades esporádicas para la revitalización del movimiento sindical.

Palabras clave: Movimiento sindical – Turquía; Estrategia sindical; Globalización neoliberal.

Le déclin du mouvement syndical en Turquie pendant la mondialisation néolibérale et l'espoir d'une revitalisation

Résumé

Les années 1990 ont été marquées par une transformation de la structure de l'industrie turque. De nombreuses petites entreprises ont prospéré dans toute l'Anatolie en trouvant leur place dans les chaînes mondiales d'approvisionnement en matières premières en pleine expansion à l'ère de la mondialisation néolibérale. Le mouvement syndical n'a toutefois pas su s'adapter à ce nouveau modèle de relations industrielles. Cet article analyse les dynamiques sociales et les mécanismes politiques de cette inertie syndicale et soutient que les syndicats traditionnels qui se sont développés à l'époque de l'industrialisation menée par l'État (modèle basé sur le substitution des importations) ont développé une incapacité profonde à s'organiser dans les petites entreprises industrielles typiques des nœuds des chaînes mondiales d'approvisionnement en matières premières dispersées à travers l'Anatolie. Cependant, un nouveau type de militantisme syndical a récemment émergé, créant des opportunités sporadiques pour la revitalisation du mouvement syndical.

Mots-clés: Mouvement syndical – Turquie; Stratégie syndicale; Mondialisation néolibérale.

Introdução

A ofensiva neoliberal fez recuar o movimento sindical organizado em quase todos os lugares e em todos os aspectos. Segundo Greg Albo (2009), é impossível separar analítica ou politicamente o surgimento do neoliberalismo da derrota política da classe trabalhadora e do recuo dos sindicatos. A experiência turca não é exceção a essa afirmação. Após a repressão violenta da militância trabalhista na década de 1980, o movimento sindical testemunhou um breve, mas significativo, período de vitalidade no final daquela década. Porém, a acomodação desse movimento à racionalidade neoliberal ascendente, facilitada pela dependência inata da liderança sindical de suas conexões políticas em Ancara, pegou os membros do sindicato de surpresa. Os altos escalões da hierarquia sindical estavam acostumados a não se envolver em assuntos políticos quando as políticas governamentais não prejudicam diretamente os interesses de seus membros e, portanto, não moveram um dedo para impedir as chamadas reformas do mercado de trabalho e a privatização em grande escala do setor público (Doğan, 2013). Como resultado, a década de 1990 testemunhou uma mudança dramática na composição da indústria turca e na sua orientação. A infraestrutura industrial criada pelo setor público após a Grande Depressão e a manufatura privada de substituição de importações da década de 1960, reestruturada a partir do final da década de 1980 de acordo com as necessidades da orientação para a exportação, não mais fornecem a maior parte dos empregos industriais turcos, já que muitas empresas menores surgiram, em toda a Anatólia, encontrando um nicho nas cadeias globais de *commodities* em constante expansão da globalização neoliberal (Özuğurlu, 2008). O movimento sindical estruturado durante a era anterior não conseguiu se adaptar ao cenário em transformação das relações industriais turcas. Tanto sindicatos do setor público quanto os que conseguiram se organizar em grandes empresas do setor privado não conseguiram alcançar esses novos centros emergentes da indústria turca; na maioria dos casos, nem mesmo tentaram fazê-lo. E todos esses desenvolvimentos resultaram numa erosão muito séria nos números de filiação sindical turca, sem mencionar sua influência política e ideológica cada vez menor sobre a sociedade em geral.

A revitalização do movimento sindical é um tema amplamente estudado desde o início do novo milênio.¹ O aparente declínio da importância social e política do movimento trabalhista em geral e dos sindicatos em particular, e, inversamente, os recentes sinais tímidos de vitalidade na mobilização de protestos não institucionalizados, geram interesse na área. Embora os contextos institucionais e as estruturas de oportunidades políticas tenham desempenhado um papel significativo no desenvolvimento dos casos específicos de cada país

¹ Ver, por exemplo, as contribuições no volume editado por Cornfield e McCammon (2013).

de declínio e revitalização sindical (Baccaro et al., 2003), parece que, recentemente, tem sido dada maior ênfase ao papel do movimento sindical nas lutas sociais como um ator político envolvido na construção de novos significados e identidades, em vez de ser um mero reflexo de categorias já existentes (della Porta, 2022).

Este artigo analisa a dinâmica social e os mecanismos políticos dessa inércia sindical e argumenta que os sindicatos tradicionais, formados durante a era da industrialização liderada pelo Estado e, posteriormente, da substituição de importações, desenvolveram uma incapacidade arraigada de se organizar nas pequenas empresas industriais que constituem a base das cadeias globais de *commodities* em toda a Anatólia. Este estudo também argumenta que, durante a última década, essa inércia abriu caminho para um novo tipo de militância trabalhista, surgindo apenas esporadicamente – uma militância que depende mais de redes de solidariedade não institucionalizadas de trabalhadores do que da capacidade de intermediação do movimento sindical oficial.

1. O legado da era precedente

O movimento sindical atual tem suas raízes no final da Segunda Guerra Mundial, durante a qual a Turquia se aliou ao bloco ocidental na iminente Guerra Fria, adotando assim uma abordagem liberal em relação ao direito de organização sindical. No entanto, o governo monitorava de perto os sindicatos e os reprimia quando considerado necessário, a fim de combater uma possível infiltração das chamadas ideologias subversivas. Mesmo após a vitória do Partido Democrático nas eleições de 14 de maio de 1950, este novo partido no poder continuou a política do seu antecessor após um breve período de tolerância. Durante esta era de democracia multipartidária emergente, o governo fechou os olhos às práticas ilegais dos empregadores privados que infringiam o código trabalhista, mas estava ansioso para permitir que esses mesmos sindicatos se enraizassem no crescente setor público e cultivassem relações de clientelismo com eles como estratégia política eleitoral. Os líderes sindicais, por outro lado, gozavam do favor dos partidos governantes quando operavam no setor público e, quando possível, também tentavam organizar o setor privado (Çelik, 2010).

Os interesses comerciais turcos começaram a investir no modelo de industrialização de substituição das importações em torno da grande área urbana de Istambul a partir de meados da década de 1950, em consonância com a ordem internacional ocidental criada de acordo com a Conferência de Bretton Woods, realizada em 1944. Esses investidores exigiram do governo um ambiente de negócios lucrativo para suas fábricas nascentes, o que basicamente significa um mercado interno protegido para seus produtos e uma política de desenvolvimento baseada no planejamento econômico (Pamuk, 2008). O governo indiferente

do Partido Democrático, acostumado a depender das exportações agrícolas e de minerais para o crescimento econômico e relutante em sobrecarregar sua base eleitoral com novos impostos, foi derrubado por uma intervenção militar na década de 1960, dando início a uma nova era para o movimento sindical turco, no qual ele provou ser uma importante força social e política. O quadro institucional jurídico dessa nova era foi perfeitamente compatível com uma estratégia de acumulação baseada na substituição de importações.

A década de 1960 testemunhou os primeiros grandes protestos em massa instigados pelos trabalhadores, especialmente na região industrial da Marmara (Mello, 2007). A estratégia de substituição de importações permitiu que os sindicatos envolvidos na militância no local de trabalho obtivessem resultados em termos de aumentos salariais e outros benefícios materiais, graças aos mercados internos protegidos. Portanto, começou a surgir uma bifurcação na estratégia do movimento sindical. Por um lado, havia a organização no grande setor público, principalmente por meio de *lobby* nos corredores do poder político em Ancara, contando com a força dos trabalhadores nas urnas de voto. Por outro lado, os sindicatos organizados nas fábricas do setor privado de substituição de importações dos setores metalúrgico e petroquímico começaram a recorrer cada vez mais a greves e ocupações para pressionar seus empregadores. O sucesso desta última estratégia também incentivou a criação de novos sindicatos independentes ao longo da década de 1960. Essa bifurcação correspondeu à divisão política da Guerra Fria, e os defensores da estratégia militante foram expulsos da confederação sindical existente e forçados a criar sua própria organização. É por isso que o movimento sindical vibrante e politicamente motivado da década de 1970 tinha basicamente duas grandes correntes. Uma estava localizada na região de Marmara, poderosa nas fábricas privadas de substituição de importações e apoiada na militância no local de trabalho, e a outra espalhou-se por todo o país através de empresas públicas e operando principalmente nas instituições políticas em Ancara. Enquanto a primeira tinha a vantagem da militância e era representada pela recém-criada confederação progressista (DİSK), a segunda era importante devido ao seu alcance generalizado em toda a Turquia e era representada pela confederação mais antiga, Türk İş.²

A estratégia mais militante adotada pela DİSK, embora compatível com a existência de um mercado interno protegido, era vista como uma ameaça política. O contexto institucional do regime de relações industriais foi concebido para o setor público, e os governos da época, fossem eles social-democratas ou conservadores, hesitavam em impor regras e regulamentos ao setor privado, enfraquecendo assim o poder dos sindicatos (Doğan, 2010).

² Türk İş – Confederação dos Sindicatos da Turquia – foi criada em 1952; e a DİSK – Confederação dos Sindicatos Revolucionários da Turquia – foi criada em 1967, como cisão da Türk İş.

Esse padrão tornou-se um enorme problema para os sindicatos do setor privado após a crise do modelo de substituição de importações atingir a economia turca no final da década de 1970. O resultado foi o prolongamento das greves sem ganhos positivos para os trabalhadores e uma deterioração do clima social e político, que culminou em um sangrento golpe de Estado no outono de 1980.

O golpe permitiu à classe dominante silenciar os sindicatos e estabelecer as bases políticas e institucionais para o ajuste estrutural da Turquia às mudanças nas tendências do capital financeiro internacional, em linha com os objetivos previstos no pacote econômico de 24 de janeiro de 1980 (Pamuk, 1986). O quadro institucional do regime de relações industriais foi revisto de acordo com as exigências dos empregadores, e a tendência militante nos sindicatos foi criminalizada, de modo a dificultar os esforços de sindicalização no setor privado (Doğan, 2005). Os tradicionais bastiões do sindicalismo do setor público se mantiveram, na melhor das hipóteses, em silêncio; e na pior, colaboraram com a junta militar. Enquanto que as alterações no sistema de relações industriais que haviam sido rejeitadas por meio de protestos em massa dez anos antes foram implementadas facilmente, a liderança sindical tradicional aguardou pacientemente pelo retorno da política multipartidária, esperando um retorno ao status quo, no qual suas relações com os partidos estabelecidos beneficiariam a si mesmos e seus membros, enquanto o ambiente mais adverso para a organização os protegeria da possível concorrência de sindicatos mais radicais. No entanto, os governos da década de 1980 liderados por Turgut Özal eram fiéis adeptos da crescente lógica neoconservadora, em linha com contemporâneos como as administrações Thatcher e Reagan, e não tinham qualquer propensão para apaziguar as lideranças sindicais; pelo contrário, o seu discurso reiterava zelosamente as políticas do Consenso de Washington.

O retorno do regime político civil (1983) significou uma transformação nas relações entre a liderança sindical tradicional e o partido governante. O declínio constante da renda dos trabalhadores durante o regime da junta militar e seu período pós-militar parecia persistir, mesmo com a reintrodução das condições normais da política eleitoral. Isso levou a uma reação no chão de fábrica que a liderança não podia ignorar. Assim, a última parte da década de 1980 testemunhou uma crescente mobilização dos trabalhadores sindicalizados que ainda se lembravam das ferramentas militantes e das experiências da década anterior. O crescente movimento de protesto se politizou rapidamente e custou primeiro as eleições municipais e depois as eleições gerais ao partido governante. No entanto, essa vitória não significou que o impacto político dos trabalhadores sindicalizados seria decisivo na década de 1990 – muito pelo contrário.

2. Turquia e a globalização neoliberal

A década de 1980 foi uma era de transformação para a Turquia. Embora na época a maioria dos arranjos sociais, políticos e econômicos ainda fossem uma herança da era anterior, especialmente no domínio ideológico, havia uma forte influência pressionando por uma reorganização das instituições econômicas e políticas nos moldes da globalização neoliberal. Thomas Palley argumenta que a globalização neoliberal é a realização do objetivo declarado do infame ex-CEO da General Electric, Jack Welch, de colocar todas as fábricas que ele possuía em uma barcaça para flutuar entre países e aproveitar os custos mais baixos, fossem eles devido a taxas de câmbio subvalorizadas, impostos baixos, subsídios, ausência de regulamentação ou mão de obra abundante, barata e explorável. A barcaça de Welch é construída sobre um complexo de mudanças organizacionais e tecnológicas que se baseiam em uma infraestrutura jurídica e política que apoia a deslocalização e a terceirização estrangeira da manufatura (Palley, 2018). Muitos estudiosos destacam o fato de que a globalização neoliberal se baseia principalmente na disseminação de atividades manufatureiras além das fronteiras nacionais por meio de cadeias globais de *commodities*, de modo a regular o consumo e a produção globalmente, em vez de nacionalmente. O resultado foi uma corrida para o fundo do poço entre esses países.

Pode-se então considerar a década de 1980 na Turquia como uma época em que o governo tentou impulsionar as mudanças ideológicas e institucionais legais necessárias para preparar o país para se adaptar à era iminente da globalização neoliberal. Parece que eles foram bastante bem-sucedidos nesse aspecto, já que a partir da década de 1990 não apenas a perspectiva do país se transformou rapidamente em linha com a globalização neoliberal, mas também a sociedade em geral, incluindo a liderança sindical, se conformou com a nova realidade. O clima geral pode ser visto em um livro publicado em 1993, no qual se fala sobre a necessidade do diálogo social e da reforma do mercado de trabalho apenas dois anos depois que o movimento sindical conseguiu contribuir para a queda do governo neoliberal do Partido da Pátria (Yazıcı, 1993). Obviamente, o fim do Bloco de Leste da Guerra Fria e a União Aduaneira entre a Turquia e a UE também facilitaram essa transformação.

No novo clima político e social, a privatização em grande escala, um dos principais objetivos do antigo governo, mas paralisada por uma combinação de forças das elites nacionalistas desenvolvimentistas poderosas no tribunal constitucional e nas universidades, e dos sindicatos, foi levada adiante pelos governos de coalizão moderados da década de 1990, com algumas concessões aos sindicatos em relação à segurança no emprego de seus membros mais antigos. Enquanto isso, as pequenas e médias empresas que começaram a surgir em

todas as cidades da Anatólia como parte das cadeias globais de *commodities* foram aclamadas como os “Tigres da Anatólia”, precursores de uma nova Turquia industrializada e urbanizada. Os empregadores desse capital emergente da Anatólia eram em sua maioria provenientes de origens conservadoras e religiosas, às vezes com laços com o movimento islâmico; no entanto, a força de trabalho industrial da década de 1990 também compartilhava características semelhantes.³ Especialmente aqueles que migraram para os centros urbanos após o final da década de 1980, ao contrário daqueles que o fizeram durante a era anterior, não viveram a experiência da forte mobilização social urbana das décadas de 1960 e 1970 e, portanto, não compartilhavam do mesmo interesse por causas progressistas; em vez disso, estavam fortemente apegados ao seu modo de vida conservador. É importante observar que a força de trabalho industrial e os pobres urbanos da era anterior também possuíam valores sociais conservadores semelhantes, mas tinham laços com as lutas modernas pela justiça social, principalmente graças aos sindicatos.⁴

A lenta privatização do grande setor público, iniciada na década de 1990 e quase concluída na década seguinte, corroeu tanto a base de filiados do sindicalismo tradicional (Çelik, 2007) quanto minou sua legitimidade de falar em nome do movimento sindical como um todo, uma vez que eles mantiveram silêncio em troca de algumas concessões insignificantes dos governos que beneficiavam apenas seus membros mais antigos (Doğan, 2015). A tradição sindical mais militante centrada na região de Marmara, por outro lado, havia perdido as condições estruturais favoráveis com o abandono da estratégia de substituição de importações muito antes e sofreu um duro golpe sob a junta militar. Quando a confederação que representava essa tradição (DİSK) foi restabelecida em janeiro de 1992, era basicamente uma concha vazia, uma sombra do que havia sido. Assim, nenhuma dessas tradições tinha qualquer inclinação para tentar organizar novos setores do movimento sindical empregados em empresas de pequeno e médio porte formadas conforme a racionalidade da globalização neoliberal (Akkaya, 2007). Em vez disso, continuaram a depender principalmente de sua base de membros em seus redutos tradicionais de grandes empresas industriais.

Os grandes estabelecimentos industriais representavam aproximadamente entre um terço a um quarto do total do emprego industrial turco devido ao crescimento meteórico das novas formas de negócios formadas como resultado da disseminação das cadeias globais de *commodities*, mas pagavam quase metade dos salários. O emprego era menos seguro, o salário era mais baixo e o trabalho era mais perigoso nessas fábricas de pequeno e médio

³ Existem muitos estudos sobre o aumento do número de empreendedores religiosos em cidades de médio porte na Anatólia, tais como Durak (2018) ou Cengiz (2013).

⁴ Sobre o contexto social de alguns importantes militantes operários das décadas de 1960 e 1970, ver Aydın (2021).

porte. Consequentemente, os esforços de sindicalização eram mais caros e menos benéficos para os objetivos dos sindicatos estabelecidos. O maior sindicato do setor metalúrgico, Türk Metal – um beneficiário direto do golpe, uma vez que seu principal rival foi fechado pela junta militar –, desfrutava de uma relação íntima com o governo e grandes grupos econômicos, de modo que relutava em interferir na derrocada causada pela adoção da lógica da globalização neoliberal, tentando sindicalizar os chamados Tigres da Anatólia. Os outros sindicatos tradicionais que se formaram na era das estruturas industriais fordistas também estavam relutantes em sair de suas zonas de conforto para entrar nos territórios inexplorados das pequenas empresas subcontratadas orientadas para a exportação. O resultado foi uma erosão da influência política e social do movimento sindical (Doğan, 2015).

A DİSK, após ser restabelecida (1980-1992), adotou uma estratégia de fusão com sindicatos independentes que haviam sido criados principalmente na década de 1980, recrutando ex-membros da DİSK que aguardavam o retorno da liberdade organizacional e dos direitos trabalhistas. Após o renascimento dessa confederação outrora poderosa e progressista, a maioria de seus afiliados permaneceu insignificante, com exceção daquele estabelecido nos serviços públicos locais, graças aos seus laços estreitos com o Partido Republicano do Povo, então no poder na maioria dos municípios metropolitanos, e daquele estabelecido no setor de processamento de metais. Além disso, os afiliados nos setores petroquímico (Lastik İş) e têxtil (Tekstil) infelizmente se envolveram em algumas práticas obscuras, desacreditando assim essa confederação, construída durante a mobilização social das décadas de 1960 e 1970. As acusações de corrupção, outrora impensáveis na DİSK, eram particularmente frequentes nessas duas filiais. Como resultado das acusações de corrupção, a liderança de “esquerda” da Lastik İş foi substituída em 1999 por um grupo mais conservador. Esses acontecimentos perturbaram a hegemonia da política progressista no movimento sindical e criaram uma abertura para o movimento islâmico entre os trabalhadores.

Essa falta de entusiasmo dos sindicatos em organizar essa força de trabalho industrial insegura (e sua contraparte no setor de serviços) significou um número ainda menor de trabalhadores sindicalizados entre os assalariados e uma apatia crescente de grande parte daquela força de trabalho em condições de extrema precariedade em relação à causa dos trabalhadores, representada por uma minoria privilegiada de sindicalizados. A maioria desses trabalhadores não sindicalizados voltou-se cada vez mais para alternativas conservadoras de solidariedade na forma de irmandades religiosas e similares, e também votou no Partido do Bem-Estar Islâmico durante a década de 1990. Tanto essas irmandades religiosas quanto o Partido do Bem-Estar reuniram os empregadores de pequenas e médias empresas e os funcionários dessas empresas. Assim, sua mensagem de justiça social intencionalmente

carecia de qualquer política de classe bem definida. Junto com a incapacidade dos partidos tradicionais de proporcionar uma política econômica estável e controlar os militares, a determinação e a força dessa coalizão social conservadora tornaram o movimento político islâmico hegemônico, particularmente entre a população urbana pobre, a partir de meados da década de 1990 (Tuğal, 2006).

A força em declínio da política turca, os militares, em um único episódio político que lembra vagamente o seu *modus operandi* do passado, conseguiu provocar uma mudança no governo e uma autorreflexão nos círculos islâmicos quando derrubou o Partido do Bem-Estar do governo por meio de uma deserção encenada de parlamentares de seu parceiro de coalizão. O resultado foi um governo tragicamente inepto dos partidos tradicionais em declínio e uma corrente reformista dentro do Partido do Bem-Estar mais alinhada com as exigências do regime de acumulação da globalização neoliberal. Este partido reformista organizado às pressas, o Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP),⁵ venceria as eleições gerais de 2002 com uma reviravolta histórica, apoiado por protestos em massa em grande escala que mobilizaram pequenos artesãos, alguns dos quais estavam ligados às cadeias globais de *commodities*.

Em suma, a ascensão da concepção conservadora e orientada para o mercado, construída sobre o declínio da organização da classe trabalhadora num processo de interação institucional entre, primeiro, os governos neoliberais instáveis da década de 1990 e, depois, o governo do AKP, em lenta consolidação, continuou a moldar as relações industriais. Esse processo de interação institucional, juntamente com a transformação social pela qual passou a força de trabalho nas últimas três décadas e o aumento da disposição de se envolver no diálogo social por parte de todos os setores do movimento sindical turco (Müftüoğlu, 2007, p. 146), criou um movimento sindical oficial amplamente isolado das lutas e da resistência do movimento sindical ao nível das fábricas, que tem sido visível para um grande número de trabalhadores através das redes sociais durante a última década. Mas primeiro devemos examinar mais de perto o governo do AKP, durante o qual a Turquia se tornou cada vez mais um país de assalariados (Koçak & Lordoğlu, 2015).

⁵ Partido do atual Presidente Recep Tayyip Erdogan.

3. O movimento sindical sob o AKP

Embora uma grande disparidade separe a década de 1990, marcada pela crise, do governo estável do AKP, não se deve esquecer que o governo do AKP continuou a implementar as políticas econômicas elaboradas após o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) em 1998 (Bilimciler, 2015). A Turquia passou por uma importante reestruturação em termos econômicos e sociais e, conseqüentemente, o cenário político também mudou. Até a conclusão dessa mudança política, os sindicatos com sede em Ancara ainda exerciam algum poder de negociação nos corredores do poder, mas essa influência era usada principalmente para proteger os direitos trabalhistas de seus membros no setor público, que em breve seria privatizado. No entanto, o declínio constante da base de poder dos sindicatos, que começou na década de 1990 e se acelerou na primeira década do governo do AKP, acabou ultrapassando um limiar a partir do qual a sua influência e poder se tornaram insignificantes.

Conforme citado acima, o movimento sindical organizado dividiu-se em dois durante a Guerra Fria devido às diferentes bases organizacionais da Türk İş e da DİSK. A privatização do setor público foi uma sentença de morte para a estratégia sindical personificada pela Türk İş, uma confederação que gostava de se gabar de seu poder de *lobby* em Ancara, o que, apesar de suas muitas falhas, a tornava uma num importante força política. Como resultado do rigor ideológico da globalização neoliberal, já destacado, e após o desaparecimento das elites poderosas no Tribunal Constitucional, essa liderança sindical tinha muito pouco poder ou vontade para resistir à política de reformas neoliberais e privatizações. Preferiram minimizar as conseqüências dessas políticas para os seus membros. Ao fazer isso, assistiam impotentes à erosão e redução do seu número de membros e, conseqüentemente, de sua base de poder, por meio da privatização. Finalmente, o fim da substituição de importações (juntamente com a opressão da junta militar) levou ao fim da outra parte do movimento sindical organizado, ou seja, a estratégia militante seguida pela DİSK, e tornou a confederação restabelecida fraca e irrelevante por si só. A onda de privatizações também pôs fim à tradicional estratégia sindicalista de *lobby* como ferramenta eficaz para defender os direitos trabalhistas. Assim, sem suas práticas clientelistas de negociação, as sedes das afiliadas da Türk İş em Ancara acabaram se tornando apenas imóveis luxuosos, desprovidos de qualquer poder político real.

Além dos encerramentos definitivos ou privatizações, outra política adotada na reforma do setor público foi a terceirização, que significa a subcontratação de algumas funções auxiliares a empresas privadas nos serviços públicos remanescentes, em consonância com práticas semelhantes no setor privado. A terceirização, em linha com a política neoliberal de mercantilização dos serviços públicos, reformulou os aspectos-chave da prestação de serviços públicos: o governo definiu um segmento central do serviço prestado pelas instituições

públicas e buscou terceirizar todas as outras funções suplementares consideradas secundárias, em conformidade com a proposta política do Banco Mundial. Essa política mudou profundamente os serviços públicos na Turquia, principalmente a partir de 2007, e o governo tornou-se mais assertivo em sua implementação. A sindicalização desses empregos era difícil e quase nenhum sindicato tentou fazê-lo, embora, após o golpe fracassado de 2016, o governo, buscando ampliar seu apoio popular, tenha promulgado o Decreto nº 696 em dezembro de 2017 (Decreto-Lei sobre a adoção de algumas medidas no âmbito do estado de emergência). O artigo 18º desse extenso documento possibilitou a contratação direta desses trabalhadores pelo Estado e transferiu os funcionários existentes para contratos públicos mais seguros. Essa era uma reivindicação popular que poucos sindicatos e outros tipos de associações trabalhistas expressaram em circunstâncias difíceis. Era evidente que, uma vez eliminada a terceirização, esses trabalhadores contratados seriam sindicalizados, mas a confederação pró-governo Hak İş – criada em 1976 – tornou-se a principal beneficiária dessa campanha de sindicalização devido à pressão política.

A disseminação da terceirização, consistente com a racionalidade da globalização neoliberal, foi outro fator que contribuiu para fixar o último prego no caixão de um movimento sindical em declínio, que não conseguiu se recuperar da perda de sua base de poder no setor público.⁶ A terceirização desenvolveu-se e espalhou-se rapidamente à medida que a conversão neoliberal se apoderava da indústria turca. O resultado foi um foco nas exportações de baixo custo e nos pequenos empresários que competem entre si nas zonas industriais organizadas, que proliferam nas margens das áreas urbanas. Legalmente, nenhuma empresa pode terceirizar sua atividade-fim, mas muitas (incluindo as empresas que são de propriedade pública) transgridem essas fronteiras legais sempre permeáveis, devido à tradicional relutância e incapacidade dos governos de impor o código trabalhista às empresas privadas e seu compromisso de operar o setor público com uma mentalidade de mercado. Em pouco tempo, a terceirização tornou-se sinônimo de muitas práticas ilegais, incluindo uma taxa muito alta de acidentes de trabalho que, às vezes, resultaram em mortes horríveis de funcionários. O termo “assassinato no local de trabalho” tornou-se amplamente difundido em poucos anos.

A subcontratação divide a força de trabalho entre pelo menos três tipos de emprego: aqueles que representam a administração, como os engenheiros ou gerentes intermediários no topo, os trabalhadores privilegiados e melhor remunerados empregados pelo empregador principal e aqueles que são empregados de forma flexível e fáceis de contratar e demitir, fornecidos pela empresa subcontratada. Alguns sindicatos na época se recusaram a organizar os funcionários terceirizados, contribuindo assim para essa divisão, e

⁶ Para uma análise detalhada da luta dos trabalhadores terceirizados pelo direito à organização sindical na Turquia nos anos mais recentes, ver Birelma (2017).

outros não têm vontade e recursos para organizar esses setores. O AKP apoiou-se no discurso populista autoritário que opõe os setores desfavorecidos da sociedade aos que têm emprego formal⁷ e conseguiu usar isso para deteriorar ainda mais as condições de trabalho dos empregados formais, isolando assim sua base de poder entre os pobres urbanos do movimento trabalhista. Os trabalhadores privilegiados, por outro lado, nunca esconderam seu desprezo no local de trabalho por aqueles empregados terceirizados. Em um caso extremo, os mineiros empregados formalmente na mina de Amasra protestaram contra a tentativa de seus sindicatos de organizar os trabalhadores da maior empresa de mineração subcontratada da região (Doğan, 2013).

A disseminação da terceirização também teve algumas consequências inesperadas que contribuíram ainda mais para a transformação social neoliberal que se consolidava no nível social. Em primeiro lugar, a criação de pequenos empreendedores entre os trabalhadores mais qualificados e experientes não só coopta os potenciais organizadores sindicais, como também aumenta a capacidade dos empregadores e do Estado de controlar e manipular ideologicamente as massas trabalhadoras, tanto reduzindo o campo de supervisão à vizinhança imediata do empregado, como alimentando suas vãs esperanças de ascensão social (Birelma, 2019). Em segundo lugar, devido ao fato de que alguns ex-organizadores sindicais usaram sua relação com os empregadores para obter contratos para suas empresas ou para as de seus parentes próximos como terceirizados, esse mecanismo desacreditou ainda mais o sindicalismo e os sindicalistas aos olhos da população trabalhadora.

É importante notar também que o equilíbrio de poder dentro da Türk İş mudou durante essa época: a Türk Metal, principal beneficiária do golpe de 1980, permaneceu forte entre as gigantes da metalurgia privada, e a Tes İş sindicalizou os trabalhadores públicos empregados na produção e distribuição de energia, tornando-se a principal força da confederação, enquanto aqueles que eram, na prática, sindicatos de empresas de monopólios públicos agora extintos diminuíram devido à privatização. A partir de meados de 2000, em uma série de congressos extraordinários, os líderes sindicais pró-AKP, a maioria dos quais eram ex-gerentes financeiros desses sindicatos, assumiram a liderança da Türk İş. Assim, Mustafa Kumlu tornou-se primeiro presidente da Tes İş e depois também da Türk İş; Ergün Atalay foi eleito presidente da Demiryol İş e depois nomeado para o conselho de administração da Türk İş, sendo atualmente o presidente da confederação; na Türk Metal, o líder sindical inatacável Mustafa Özbek foi acusado de conspiração contra o governo no complô Ergenekon e renunciou à presidência em favor de seu braço direito, Pervul Kavlak (Doğan, 2013). Atualmente, a Türk Metal é o sindicato mais poderoso da confederação. Por outro lado, a Hak Is cresceu com o apoio do governo e organizou especialmente funcionários de empresas

⁷ Sobre as consequências desse tipo de discurso, ver Adaman, Buğra e İnsel (2009).

terceirizadas públicas e trabalhadores municipais nos últimos cinco anos. Obviamente, os proprietários dessas empresas são em sua maioria membros do AKP. No entanto, os afiliados mais poderosos desta confederação islâmica atuam em negócios intimamente ligados às instituições estatais.

O incidente mais importante que demonstrou claramente o fim desta era de transição, ou seja, a morte lenta do movimento sindical tradicional, foi o protesto dos trabalhadores da TEKEL, que começou em dezembro de 2009 e durou até a primavera de 2010.⁸ A questão girava em torno da privatização e do encerramento da TEKEL, um monopólio público agora extinto no setor do processamento de tabaco e chá, produção de álcool e outros agronegócios semelhantes. A Tek Gıda İş, afiliada da Türk İş, organizou-se neste monopólio e foi outrora um dos membros mais influentes da confederação, tendo fornecido os seus presidentes em três ocasiões antes de 1982. Após esta data, a política de privatização esvaziou o poder do sindicato. Assim como outras afiliadas da Türk İş ameaçadas pela privatização, a reação inicial do sindicato foi buscar a transferência de seus membros para outras empresas públicas e proporcionar-lhes a aposentadoria antecipada com todos os benefícios. Contudo, em 2009, não havia mais empresas públicas para transferir os membros existentes, então o governo propôs contratos precários.

A reação dos trabalhadores e do sindicato foi de descrença, razão pela qual sua reação foi radical em comparação com casos anteriores. Em um exemplo passado, em 2005, os trabalhadores da fábrica de papel SEKA, que havia fechado, após um protesto popular amplamente divulgado, foram transferidos para o município local com contratos seguros. Tais soluções foram consideradas fiscalmente irresponsáveis pelo governo do AKP; ao contrário de 2005, eles se sentiram politicamente mais seguros no final de 2009 e, portanto, sem nenhuma obrigação de fazer concessões ao sindicato. Os protestos em massa que se seguiram, embora heróicos e tendo conquistado muita simpatia dos setores de esquerda da sociedade turca, terminaram em fracasso. O mesmo aconteceu com a estratégia dos sindicatos de resistir às reformas neoliberais que começaram no final da década de 1990. Esse episódio marcou claramente o fim das estratégias sindicais tradicionais e das instituições ligadas a essas estratégias que se desenvolveram antes da era da globalização neoliberal. Seu futuro se tornou, na melhor das hipóteses, insignificante do ponto de vista político e, na pior, uma parceria com o governo e os empregadores para controlar a mão de obra. Apenas alguns poucos permaneceram fora dessa tendência.

⁸ Para uma análise deste incidente ver Coşkun e Şentürk, 2012.

4. Resistência esporádica e em pequena escala: os primeiros sinais da revitalização sindical

Mesmo antes do episódio TEKEL, alguns ativistas tentaram adotar uma estratégia diferente e nova de organização sindical, compatível com o cenário da globalização neoliberal. Um exemplo bem documentado seria a tentativa de reunir todos os tipos de empregados no setor de saúde pública, fortemente terceirizado. Os hospitais públicos continham uma infinidade de diferentes tipos de estatutos e contratos, de auxiliares a médicos, ao contrário da era anterior, quando todos gozavam do mesmo status de servidor público. A Dev Sağlık İş, afiliada da DİSK principalmente no gigantesco hospital público operado pela Universidade Çukurova, passou a primeira década do governo do AKP criando um modelo de sindicalização que incluía tanto os funcionários com contratos seguros quanto os empregados terceirizados. Enerji Sen, outra afiliada da DİSK, seguiu a mesma política com sucesso variável. Além dessas tentativas, os trabalhadores terceirizados do Hospital da Faculdade de Medicina de Istambul organizaram-se em uma associação quando seus esforços de sindicalização se revelaram inúteis, e conduziram um esforço bem-sucedido e duradouro para serem reconhecidos como trabalhadores do quadro (Taşkıran, 2011). Esses escassos esforços trouxeram resultados positivos limitados uma década depois, graças aos desenvolvimentos políticos, quando o AKP precisava de apoio popular devido aos frequentes ciclos eleitorais após 2016, conforme mencionado acima.

O rescaldo do episódio da TEKEL viu um aumento em esforços organizacionais não convencionais semelhantes, já que o fracasso dos trabalhadores da TEKEL se mostrou esclarecedor para aqueles dispostos a abandonar as estratégias sindicais da era anterior. Curiosamente, o Tek Gıda İş, o sindicato envolvido na resistência da TEKEL, pareceu tirar uma lição disso e tentou se reinventar como um sindicato operando em empresas privadas de processamento de alimentos, em vez de ser um sindicato de empresa de um monopólio público; como resultado, ele se envolveu em algumas tentativas não tradicionais de sindicalização nos últimos dez anos, embora sua estrutura de liderança tenha permanecido praticamente intacta. O principal exemplo é seu esforço de longa data para organizar a fábrica de Orhangazi da gigante do agronegócio Cargill. Ocasionalmente, alguns outros afiliados da Türk İş, nomeadamente TÜMTİS e Petrol İş, também se envolveram em tais práticas.

Outro desenvolvimento importante para a nova era foi a adoção de uma nova lei sobre sindicatos e negociação coletiva, substituindo as duas relíquias do golpe de 1980. No entanto, essa lei (Lei nº 6356, promulgada em dezembro de 2012), embora mantenha muitos dos aspectos debilitantes das medidas do golpe, como proibições de greve, procedimentos legais de greve demorados e impraticáveis e estruturas sindicais rígidas e inviáveis (Doğan, 2015), facilitou a entrada e saída dos trabalhadores dos sindicatos por meio do sistema de

portal público. Essa medida também facilita a criação de novos sindicatos para trabalhadores desiludidos com os sindicatos estabelecidos. Alguns sindicatos independentes foram criados em alguns setores estratégicos, como construção (İnşaat İş), mineração (Bağımsız Maden İş) e serviços postais (PTT Sen), principalmente como resultado de tentativas anteriores fracassadas de sindicalização. O pioneiro nesse aspecto é o İnşaat İş, criado em 2014.

Embora a história da İnşaat İş não seja única para aquela época, é a mais conhecida. Pouco antes dos protestos da TEKEL, um grupo de trabalhadores pioneiros na construção civil, desiludidos com os longos e fúteis processos legais existentes, propôs o método de obter resultados por meio de ações diretas e começou a operar dessa forma sempre que podiam. Esse estilo, que utiliza formas de protesto baseadas em ação direta, como paralisações repentinas, ocupação do canteiro de obras, piquetes em frente ao canteiro de obras ou protestos fora da sede da empresa, tem sido parcialmente bem-sucedido, e os trabalhadores da construção civil que enfrentavam problemas como não pagamento de salários devidos, falta de medidas de segurança ocupacional e refeições insalubres começaram a se juntar a eles. Por fim, eles criaram seu próprio sindicato, já que as organizações existentes se mantêm inflexíveis em seguir os procedimentos legais estabelecidos. O İnşaat İş se diferenciou ao recorrer à ação direta para resolver os problemas relacionados ao local de trabalho dos trabalhadores e não prioriza o cumprimento dos procedimentos legais para negociação coletiva.

Outro caso em questão é o Bağımsız Maden İş. A indústria mineira é um setor onde não há trabalho não sindicalizado, exceto em minas ilegais. Nesse sentido, existem sindicatos tradicionais poderosos ou que já foram poderosos na mineração. Sem dúvida, o desastre da mina de Soma em maio de 2014, que resultou em um massacre, foi o momento decisivo para essa indústria. Este desastre, que ocorreu em um local de trabalho sindicalizado, desencadeou a busca por novos sindicatos na bacia mineira de Soma. Alguns trabalhadores pioneiros começaram a se organizar no Dev Maden Sen, afiliado à DİSK. No entanto, a administração do Dev Maden Sen, temendo que esse influxo de novos membros comprometesse seus cargos, começou a lutar contra esses mineiros militantes. Então, os mineiros criaram seu próprio sindicato independente em 2018. Essa foi uma medida ousada, porque em uma indústria com sindicatos fortes e bem estabelecidos, onde os salários são relativamente bons, é difícil para os trabalhadores mudarem para um novo sindicato independente. No entanto, como destacado anteriormente, o período após o incidente da TEKEL foi uma era em que o antigo sindicalismo chegou ao fim.

Logo após sua fundação, a liderança do sindicato, em vez de tentar seguir os procedimentos legais para obter uma licença do Ministério do Trabalho para conduzir negociações coletivas, optou por abordar diretamente um problema que afeta muitos mineiros

aposentados na região, organizando uma marcha⁹ até Ancara com os mineiros feridos e aposentados que não receberam os pagamentos de indenização devidos. O problema envolvia empresas extintas que operavam minas de propriedade pública e não havia nenhuma solução à vista. A marcha atraiu o interesse público e houve tentativas por parte das forças de segurança de a reprimir. O sindicato resistiu e, por fim, foi promulgada uma lei que resolveu a questão a favor dos trabalhadores. Além disso, foi também obtida uma decisão do tribunal constitucional que apoiava o direito a marchas pacíficas fora dos limites da cidade. Este sucesso e a sua militância persistente tornaram o sindicato uma força a ter em conta na bacia mineira de Soma.

Esses sindicatos independentes e sua estratégia de organização baseada em ações diretas atraíram o interesse de segmentos desiludidos do movimento sindical turco.¹⁰ Em vez de seguir o procedimento legal de negociação coletiva, que muitas vezes é inútil, eles se concentram em ações diretas para alcançar objetivos imediatos, como o pagamento de salários atrasados e a melhoria das condições de segurança no local de trabalho. Piquetes, bloqueios da sede da empresa ou de outros negócios relacionados à empresa, protestos em frente às casas dos empregadores, organização de boicotes de consumidores e pressão sobre a empresa estrangeira terceirizada são as medidas frequentemente utilizadas, mas em alguns casos, quando a má conduta dos empregadores é grave ou a atenção do público é alta, greves selvagens, ocupação dos locais de trabalho ou marchas para Ancara são organizadas e conquistam a simpatia da opinião pública. Como já mencionado, İnşaat İş, DGD Sen, Bir Tek Sen, PTT Sen e Bağımsız Maden İş são sindicatos desse tipo, mas o Nakliyat İş, afiliado ao DİSK que se opõe à atual liderança da confederação, também utiliza essa estratégia.

A origem dessa estratégia é, na verdade, a disseminação de pequenos piquetes nos últimos dez anos, em quase todas as zonas industriais construídas na Turquia nas últimas três décadas de globalização neoliberal. Tais protestos foram organizados principalmente por trabalhadores demitidos porque tentaram se sindicalizar ou se recusaram a aceitar práticas trabalhistas ilegais ou condições de trabalho desumanas. Alguns deles são apoiados por alguns sindicatos estabelecidos, mas na maioria dos casos o apoio foi fornecido por associações informais pró-trabalhistas envolvendo advogados favoráveis aos trabalhadores ou sindicatos independentes recém-criados. Essas ações, quando apoiadas por um sindicato, foram organizadas principalmente para chamar a atenção do público para uma campanha de sindicalização paralisada devido a ações legalmente questionáveis. Os outros casos estão frequentemente ligados a um processo judicial em que a transgressão do direito de

⁹ Sobre o anúncio oficial deste sindicato convocando a marcha, ver Bağımsız Maden İş (2019).

¹⁰ Para um relato sobre a influente ação direta dos trabalhadores da construção civil envolvendo a İnşaat İş e outros atores, ver C. Gök (2023).

sindicalização é a questão. Embora esses julgamentos sejam demorados, a compensação monetária pela violação do direito de sindicalização do empregado pelo empregador provou ser um incentivo adequado para os trabalhadores comuns, especialmente aqueles que planejam procurar um novo emprego. O sucesso desses processos judiciais divulgados pelas redes sociais fez com que outros trabalhadores se animassem a seguir esses exemplos, tornando esses piquetes comuns nos últimos dois ou três anos. O resultado é a normalização das ações de protesto, mesmo entre os trabalhadores socialmente mais conservadores.

A principal ação coletiva de protesto organizada pelos trabalhadores durante esta nova era, no entanto, é a chamada “Tempestade de Metal” (Gökçek, 2019). Essa mobilização foi, de certa forma, o ponto alto dos protestos em pequena escala, em uma única luta abrangente. Na verdade, o setor metalúrgico está na vanguarda da força de trabalho industrial na Turquia em muitos aspectos. Seus acordos coletivos de trabalho são a referência para os salários na indústria, podem facilmente alimentar uma agitação trabalhista generalizada nas zonas urbanas e, de fato, seu sindicato na época (Maden İş) foi pioneiro na estratégia militante das décadas de 1960 e 1970 e moldou em grande medida a DİSK. Essa é a razão pela qual o Estado e os maiores empregadores apoiaram a Türk Metal, uma organização de direita que foi fundamental para excluir violentamente a Maden İş de alguns dos principais centros industriais da década de 1970. Isso também contribuiu para tornar esse sindicato a maior e mais poderosa organização trabalhista após o golpe. A DİSK restabelecida tinha o BMİS no setor metalúrgico, que lutou valiosamente para manter intacto o legado do Maden İş, embora em condições muito desfavoráveis. Ademais, os trabalhadores desse setor são bombardeados com uma ideologia nacionalista e conservadora pela Türk Metal.

Periodicamente, houve alguns episódios em que os trabalhadores, principalmente nas maiores montadoras de automóveis, tentaram usar seu direito de escolher livremente um sindicato como reação às duras condições de trabalho e à insensibilidade sindical, mas todas essas tentativas foram derrotadas por uma coalizão entre o Estado, os empregadores e o Türk Metal. No final, os líderes foram demitidos e os trabalhadores restantes obtiveram concessões insignificantes. A primavera de 2015 testemunhou a mais generalizada e poderosa dessas tentativas,¹¹ na qual, em vez do BMİS, os trabalhadores se mobilizaram espontaneamente exigindo melhores salários e democracia sindical, mas acima de tudo a capacidade de exercer seu direito constitucional de se sindicalizar livremente. O epicentro da mobilização foi a cidade de Bursa, conhecida pela fabricação de automóveis, mas a mobilização se espalhou por todos os centros industriais tradicionais onde o Türk Metal está organizado, chegando até mesmo

¹¹ Para uma avaliação das consequências desta onda de greves espontâneas para o movimento sindical em geral e para as relações entre os trabalhadores e os dirigentes sindicais, ver Taştekin (2022) e Taştan (2015).

ao coração desse sindicato na Anatólia central. O próprio ministro do Trabalho interveio e o governo pediu à Renault que não cruzasse a linha vermelha dos empregadores turcos e não permitisse que o BMİS se estabelecesse em suas instalações. No final, a classe dominante venceu uma batalha custosa. No entanto, esse episódio mostrou tanto a recente fragilidade das ferramentas ideológicas do Estado no controle dos trabalhadores quanto o poder das novas mídias na formação, especialmente, das percepções dos jovens trabalhadores. A incapacidade final do BMİS de responder às demandas dessa nova geração de trabalhadores também mostra a inadequação do sindicalismo da velha guarda, mesmo que o BMİS esteja entre os sindicatos menos ossificados da Turquia.

Considerações finais

A última década testemunhou a formação e a ascensão tanto de sindicatos independentes quanto de novos tipos de mobilização trabalhista baseados em ações diretas. A solidariedade entre diferentes organizações sindicais também se desenvolveu. Alguns sindicatos progressistas de funcionários públicos ajudaram na mobilização em torno das reivindicações dos trabalhadores subcontratados, e a câmara dos médicos deve ser mencionada a esse respeito. Duas afiliadas da DİSK e algumas iniciativas independentes tornaram essas reivindicações bem conhecidas na esfera pública graças a essa solidariedade. O atual presidente da DİSK é o líder da Dev Sağlık İş, afiliada da DİSK no setor da saúde, e ganhou destaque graças a esses esforços. A necessidade desesperada do governo do AKP de vencer eleições e referendos frequentes após a tentativa fracassada de golpe o motivou a fazer algumas concessões a esse respeito, mas também tentou promover a confederação Hak İş entre os trabalhadores recém-sindicalizados. No entanto, as massas trabalhadoras não esqueceram os pioneiros dessa mobilização trabalhista e, no geral, foi uma conquista motivadora.

A combinação de piquetes em pequena escala generalizados, a ampla mobilização entre os trabalhadores subcontratados do setor público e as conquistas dos sindicatos independentes, juntamente com a ampla divulgação de todas essas ações de protesto nas redes sociais populares entre os trabalhadores, criou uma nova atmosfera no movimento sindical turco. Um possível resultado disso foi visto quando, em fevereiro de 2022, uma mobilização inesperada criou uma onda de protestos trabalhistas em alguns setores-chave, como entregas, têxtil e logística, exigindo aumentos salariais para lidar com a inflação galopante. A maioria dessas demandas foi atendida e a mobilização terminou com uma sensação de confiança para os trabalhadores, embora nenhum dos sindicatos estabelecidos tenha participado dessa onda bem-sucedida de protestos. Em vez disso, eles se sentem ameaçados por essa nova estratégia sindical que se concentra na ação direta e não envolve

procedimentos legais inúteis que foram projetados para prejudicar a sindicalização em primeiro lugar. Além disso, na vanguarda dessa última mobilização estavam os trabalhadores de entregas que são considerados autônomos e, portanto, não são cobertos pela legislação trabalhista.¹² Os sindicatos estabelecidos nunca questionaram essas novas formas de emprego que aumentaram a precariedade.

A experiência da última década demonstra que a revitalização tão necessária ao movimento sindical turco só pode ser alcançada por meio de uma nova estratégia sindical que deixe para trás a nostalgia da era anterior e aceite o fato de que essa nova Turquia urbana de assalariados pode ser atraída para a ação direta, de modo que pregar a obediência aos procedimentos legais é inútil. As formas generalizadas de emprego da era neoliberal, algumas delas fora da jurisdição da legislação trabalhista e sindical, tornam obsoletas as formas legais de luta trabalhista, sendo necessárias novas formas. No entanto, parece que tal estratégia também ameaça o estado atual das coisas nos sindicatos estabelecidos. Portanto, uma revitalização do movimento sindical também resultaria em uma revisão completa não apenas da estratégia, mas também da estrutura e organização dos sindicatos turcos.

Referências

Adaman, F., Buğra, A., & İnsel, A. (2009). Societal context of labor union strategy: the case of Turkey. *Labor Studies Journal*, 34(2), 168–188. <https://doi.org/10.1177/0160449X07309937>

Akkaya, Y. (2007). İşçi Hareketinin ve Örgütlenmenin İhmal Edilen Alanı veya Bir İmkan Olarak Enformel Gruplar/Örgütler. In F. Sazak (Ed.), *Türkiye’de Sendikal Kriz ve Sendikal Arayışlar* (pp. 209–236). EPOS.

Albo, G. (2009). The crisis of neoliberalism and the impasse of the union movement. *Development Dialogue*, 51, 119–131. https://www.daghammarskjold.se/wp-content/uploads/2009/01/Development_Dialogue_51.pdf

Aydın, Z. (2021). *68’in İşçileri*. Ayrıntı Yayınları.

Baccaro, L., Hamann, K., & Turner, L. (2003). The politics of labour movement revitalization: the need for a revitalized perspective. *European Journal of Industrial Relations*, 9(1), 119–133. <https://doi.org/10.1177/095968010300900145>

Bağımsız Maden İşçileri Sendikası (2019, Ekim 5). Soma 3500 tazminat ve emeklilik mağduru işçilerin Ankara yürüyüşü başladı. <https://bagimsizmaden.org/2019/10/05/soma-3500-tazminat-ve-emeklilik-magduru-iscilerin-ankara-yuruyusu-basladi/>

Bilimciler, B. (2015). *AKP’li Yillarda Emeğin Durumu*. Yordam Kitap.

¹² Para uma avaliação deste movimento de protesto, ver Sen (2022, 16 março).

Birelma, A. (2017). Subcontracted employment and the labor movement's response Turkey. In P. Durrenberger (Ed.), *Uncertain times: Anthropological approaches to labor in a neoliberal world* (pp. 261-286). University Press of Colorado.

<https://doi.org/10.5876/9781607326311.c010>

Birelma, A. (2019). Working-class entrepreneurialism: perceptions, aspirations and experiences of petty entrepreneurship among male manual workers in Turkey. *New Perspectives on Turkey*, 61, 45–70. <https://doi.org/10.1017/npt.2019.18>

Çelik, A. (2007). Yeni sorun alanları, eğilimler ve arayışlar. In F. Sazak (Ed.), *Türkiye'de sendikal kriz ve sendikal arayışlar*. EPOS.

Çelik, A. (2010). *Vesayetden siyasete Türkiye'de sendikacılık (1946-1967)*. İletişim Yayınları.

Cengiz, K. (2013). "Yav İşte Fabrikalaşak". *Anadolu sermayesinin oluşumu: Kayseri-Hacılar örneği*. İletişim Yayınları.

Cornfield D. B., & McCammon, H. J. (2013) (Eds). *Labor revitalization: Global perspectives and new initiatives*. JAI Press.

Coşkun, M. K., & Şentürk, B. (2012). Tekel işçilerinin varoluşsal ikilemi: "Ölmek var dönmek yok". *Ankara Üniversitesi SBF Dergisi*, 67(3), 57–74.

https://doi.org/10.1501/SBFder_0000002255

della Porta, D. (2022). Back to the 1960s? Alessandro Pizzorno's contribution to understanding the labor movement revival then and now. *Capital & Class*, 47(1), 29–42.

<https://doi.org/10.1177/03098168221137000>

Doğan, M. G. (2005). Darbe sonrası yeni birikim rejimine geçişte örgütlü işçi hareketinin geriletilmesinin işlevselliği. *Eğitim Bilim Toplum*, 3(12), 20–39.

Doğan, M. G. (2010). *Labor resistance against neoliberal challenges to the traditional trade unionism in Turkey: 1986-1991*. (PhD Thesis). Boğaziçi University Sosyal Bilimler Enstitüsü.

Doğan, M. G. (2013). The deradicalization of organized labor. In İ. Akça, A. Bekmen, & B. A. Özden (Eds.), *Turkey reframed: Constituting neoliberal hegemony*. Pluto Press.

Doğan, M. G. (2015). 1980 sonrası sendikal hareket: Türkiye'de sendikacılığın kuğu şarkısı. In Y. D. Çetinkaya & M. Ö. Alkan (Eds.), *Tanzimat'tan günümüze türkiye işçi sınıfı tarihi: 1839-2014. Yeni yaklaşımlar, yeni alanlar, yeni sorunlar* (pp. 322-334). Tarih Vakfı Yurt Yayınları.

Doğan, M. G. (2024). The decline of the labour movement in Turkey during the neoliberal globalization and the hope for revitalization. *Journal of Balkan and Near Eastern Studies*, 26(6), 905–919. <https://doi.org/10.1080/19448953.2024.2310907>

Durak, Y. (2018). *Emeğin tevekkülü: Konya'da işçi-işveren ilişkileri ve dindarlık*. İletişim Yayınları.

Gök, C. (2023). *Endüstrinin yaban kedileri: Sendika dışı üç grev*. Sarmal Kitabevi.

Gökçek, A. Ç. (2019). *The mobilization of a wildcat strike in Turkey*. (MA Thesis). Boğaziçi University Department of Politics.

Koçak, M. H., & Lordoğlu, K. (2015). AKP döneminde istihdam, işgücü ve işsizlik. In A. Çelik & M. Koray (Eds.), *Himmat, fitrat, piyasa – AKP döneminde sosyal politika*. İletişim Yayınları.

Mello, B. (2007). Political process and the development of labor insurgency in Turkey, 1945–80'. *Social Movement Studies*, 6(3), 207–225. <https://doi.org/10.1080/14742830701666905>

Müftüoğlu, Ö. (2007). Kriz ve sendikala. In F. Sazak (Ed.), *Türkiye’de sendikal kriz ve sendikal arayışlar*. EPOS.

Özügürlü, M. (2008). *Anadolu’da küresel fabrikanın doğuşu: Yeni işçilik örüntülerinin sosyolojisi*. Kalkedon.

Palley, T. I. (2018). Globalization checkmated? Political and geopolitical contradictions coming home to roost. *Real-World Economics Review*, 85, 2–14. <http://www.paecon.net/PAEReview/issue85/Palley85.pdf>

Pamuk, Ş. (1986). 24 ocak sonrasında sınıflar ve gelir dağılımı. *11. Tez*, 2, 87–101.

Pamuk, Ş. (2008). Economic change in twentieth-century Turkey: is the glass more than half full? In R. Kasaba (Ed.), *The Cambridge history of Turkey* (pp. 266–300). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CHOL9780521620963.011>

Sen, U. (2022, 16 Mart). Trendyol: “Days of epic struggle”. Umut-Sen. <https://umutsen.org/index.php/2022/03/trendyol-days-of-epic-struggle/>

Taşkıran, G. (2011). Sınıf örgütlenmesinde yeni deneyimler. *Çalışma ve Toplum*, 31(4), 135–162. <https://dergipark.org.tr/tr/pub/ct/issue/71788/1155167>

Taştan, O. (2015). Türk-Metal üyesi İşçilerin 2015 eylemleri: Metal sektöründe fabrika rejimi üzerine mücadelelerin tarihi açısından bir değerlendirme. *Mülkiye Dergisi*, 39(3), 305–342. <https://dergipark.org.tr/tr/pub/mulkiye/issue/279/1301>

Taştekin, U. (2022). Türkiye’de emek örgütlerine “Metal Fırtına” deneyimi ışığında bir bakış. In A. Topal & C. Çelik (Eds.), *21. Yüzyılda devletin dönüşümü: Otoriterleşme, kriz ve hegemonya galip yalman’a armağan* (pp. 333–350). İmge Yayınları.

T.C. Cumhurbaşkanlığı (2017, 24 Aralık). Olağanüstü Hal Kapsamında Bazı Düzenlemeler Yapılması Hakkında Kanun Hükmünde Kararname [Decreto-Lei sobre a adoção de medidas no âmbito do estado de emergência]. <https://teftis.ktb.gov.tr/TR-263633/olaganustu-hal-kapsaminda-bazi-duzenlemeler-yapilmasi-hakkinda-kanun-hukmunde-kararname-khk676.html>

Tuğal, C. (2006). The appeal of Islamic politics. *The Sociological Quarterly*, 47(2), 245–273. <https://doi.org/10.1111/j.1533-8525.2006.00045.x>

Yazıcı, E. (1993). *Yeni bir dünyanın eşiğinde Türk-İş ve değişim (değişim tartışmaları)*. Sistem Yayınları.

Recebido em 02 de outubro de 2025.

Aprovado em 18 de novembro de 2025.